

Filosofia da vida concreta – Antropologia metafísica e Educação

Entrevista com Sylvio Roque Guimarães Horta

*Roberto C. G. Castro**

Na entrevista a seguir, Sylvio Roque Guimarães Horta, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), aborda o pensamento dos filósofos espanhóis Ortega y Gasset e Julián Marías, nos quais é um dos maiores especialistas no Brasil. Fala também de sua trajetória acadêmica na USP, onde se graduou em Farmácia e fez mestrado e doutorado em Filosofia da Educação. Atualmente, aos 53 anos, Sylvio Horta é coordenador da área de Língua e Literatura Chinesa do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH e leciona as disciplinas de Língua Chinesa e História do Pensamento Chinês.

Roberto C. G. Castro (RCGC) – Pode falar um pouco de sua trajetória acadêmica?

Sylvio Roque Guimarães Horta (SRGH) – Eu fiz graduação em Farmácia na Universidade de São Paulo (USP). Isso tem uma história. Acontece que, quando estava no ensino médio, eu me sentia atraído por vários assuntos: biologia, física, química etc. Pensei em fazer, na universidade, um curso que juntasse tudo isso. Na época, li um livro do bioquímico francês Jacques Monod, Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1965, em que ele, a partir do conhecimento sobre bioquímica, discorre sobre o que é a vida, a linguagem, a religião. Ou seja, a partir

* Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de Teorias da Comunicação do Centro Universitário das Faculdades Integrada Alcântara Machado (Unifiam), em São Paulo.

da bioquímica, ele faz filosofia. Achei que, se fizesse o curso de Farmácia-Bioquímica, também iria questionar todos esses problemas. Entrei na USP para fazer esse curso, mas não era exatamente o que eu pensava. E, claro, nem poderia ser. Eu me formei, mas o que eu queria mesmo era filosofia.

RCGC – E como você chegou à Filosofia?

SRGH – Um dia, conversando com um amigo, disse a ele que o que eu queria estudar era esta vida aqui, onde toca telefone, onde você tem uma companheira etc. Não só as moléculas da bioquímica. Ele me indicou Ortega y Gasset. A partir daí me interessei pela obra de Ortega e de seu continuador, Julián Marías, filósofos espanhóis, que tratam da vida concreta. Neles encontrei os mesmos problemas que tinham me interessado, mas que não sabia como abordar.

RCGC – Por que foi para a Educação?

SRGH – Pensei em fazer Filosofia na USP. Fui lá, fiz duas matérias como ouvinte. Mas eu queria mesmo era Ortega y Gasset e Julián Marías e lá não tinha ninguém que estudasse esses autores. Acabei indo para a Faculdade de Educação, onde encontrei o professor Jean Lauand e, graças à sua generosidade, pude estudar Ortega y Gasset e Julián Marías.

A educação também me atraía graças ao seu caráter mais concreto. Tinha lido *Paideia* do Jaeger e fiquei impressionado com esse conceito mais profundo de educação. Como queria pensar as pessoas de carne e osso, imaginei que a Faculdade de Educação poderia ser um bom lugar para isso.

RCGC – O que você aprendeu com Ortega?

SRGH – Minha iniciação na filosofia veio através da leitura da obra de Ortega y Gasset. Ortega escrevia para educar, daí sua clareza. Seus livros são muito abrangentes. Para falar de Galileu Galilei, por exemplo, ele discorre sobre o pensamento na Idade Moderna e, para falar disso, aborda primeiro a filosofia medieval e a Antiguidade grega. Isso acontece em praticamente toda a sua obra. Mas não se trata apenas de erudição. O mais importante

é a perspectiva em que ele nos instala. A partir daí, você pode abordar os temas que forem do seu interesse.

RCGC – Quais são as grandes intuições de Ortega y Gasset?

SRGH – Creio que é pensar a partir dessa realidade, dessa vida concreta que é a vida de cada um. Ortega y Gasset não fala da vida em geral. Hoje a vida é identificada com o organismo, com a biologia. Ele mesmo diz que é uma pena que a biologia tenha se apoderado da palavra vida. É por isso que prefere a expressão “vida biográfica” para se referir à realidade da vida de cada um. Você tem essa intuição quando diz, por exemplo: “Minha vida esta semana está um caos”. Não se trata da vida orgânica, biológica ou abstrata, mas da vida concreta, desta vida que estamos vivendo aqui e agora.

RCGC – Esta vida concreta.

SRGH – Sim. E essa vida não se identifica comigo, meu corpo. Eu me encontro vivendo, é na vida que me encontro. Minha vida não sou eu! Minha vida está um caos porque a economia vai mal, porque o trânsito está infernal, porque a greve impediu uma viagem... Ou seja, tudo isso – economia, trânsito, greves – faz parte da minha vida, assim como eu. Daí a famosa frase de Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância”. Eu me encontro nessa realidade que é a minha vida, realidade onde aparecem todas as outras realidades. Isso não significa que a vida seja a realidade mais importante, mas é a realidade em que todas as outras realidades têm de aparecer para que tenham realidade para mim. Daí Ortega chamar a vida de realidade radical.

RCGC – Qual deve ser a relação da pessoa com a circunstância? Não se trata de, em nenhuma situação, isolar-se da circunstância?

SRGH – Não. A frase completa de Ortega y Gasset é esta: “Eu sou eu e minha circunstância e, se eu não a salvo, não me salvo a mim”. Ele fala da “reabsorção da circunstância” como nosso destino concreto. Em outras palavras, sua realidade se faz com sua circunstância.

RCGC – E buscar fazer o melhor com a circunstância.

SRGH – Sim, você vai tentar viver o máximo. Tomando uma fórmula de Santo Tomás, você deve tentar se realizar na sua máxima potência, o que, na verdade, constitui o conceito de moral, tanto para Tomás como para Ortega. Moral não é seguir regras, mas realizar-se o máximo possível. E não se pode esquecer de que o mais importante da circunstância são as pessoas.

RCGC – Pode explicar melhor?

SRGH – Nossa vida é radicalmente convivência. Ninguém existe isolado. A gente se descobre ao descobrir o outro. Antes de ter consciência de si mesmo, você já convive com o outro. Nessa convivência familiar, você recebe os usos, crenças de outros que viveram antes de você. Desse modo, nossa realidade é também social e histórica.

RCGC – Como se dá a relação com a educação?

SRGH – Sendo o homem também uma realidade social e histórica, não se pode ser plenamente homem sem essa dimensão. O animal, a planta, o inseto, não precisam de educação para ser o que são. A educação faz parte da realidade humana. E não se deve entender isso apenas no sentido de que temos que conhecer nossa história. Não, todas as dimensões são importantes: a sensibilidade, a educação sentimental, artística, a imaginação etc. No fundo, todos os conhecimentos teóricos e práticos. Esse é sempre um dos maiores problemas do ser humano. Estamos sempre começando de novo, mas não podemos partir do zero. A falha na transmissão dessa cultura para uma ou mais gerações é sempre um problema gravíssimo. O problema da educação pode ser sintetizado com a fórmula que o professor Lauand gosta de nos lembrar: “O homem é aquele que esquece”.

RCGC – Você passou a estudar Julián Marías depois de ter conhecido Ortega y Gasset?

SRGH – Os dois me vieram praticamente juntos. Ortega se referia ao seu pensamento e de Marías como “a nossa filosofia”, mostrando a íntima relação entre os dois. Julián Marías começou

bem cedo a escrever sobre a filosofia de Ortega, mas ele não era um mero repetidor. Ao mesmo tempo em que escrevia sobre Ortega, estava criando. Os textos de Ortega estavam muito dispersos em jornais, revistas e prefácios. Por isso, muitas pessoas não conseguiam perceber a unidade de seu pensamento. Um dos grandes trabalhos de Marías foi mostrar essa unidade. Eu teria encontrado muito mais obstáculos para entender Ortega se não tivesse a orientação da obra de Julián Marías.

RCCG – E quais são as grandes intuições de Julián Marías?

SRGH – Partindo da teoria da vida humana desenvolvida por Ortega, ele começou a pensar outras facetas da realidade que Ortega, por vários motivos, não teve a chance de desenvolver. E chegou ao que chama de “estrutura empírica da realidade”, que ele identificou com a antropologia. A teoria geral da vida humana, para dar um exemplo, fala do *dizer*, mas que esse dizer tome a forma de fala supõe uma estrutura corpórea, um sistema auditivo. Se a espécie humana não tivesse audição, a realidade da língua seria totalmente outra. A começar pelo nome – língua –, que vem do nome de uma parte do corpo. Imagine como seria uma escrita que não tentasse ser a representação de uma fala, mas um dizer puramente visual.

Trata-se de uma antropologia a partir da perspectiva da realidade pessoal e biográfica. Por isso, ele prefere chamá-la de antropologia metafísica. Esse caráter pessoal e biográfico permite que Marías aborde o problema do homem (e da mulher) de uma maneira bastante original. Em seu livro *Antropologia metafísica* ele trata de temas como a instalação corpórea, a condição sexuada, o rosto humano, a estrutura tecnológica, a amizade, o amor, o acaso, a morte, a felicidade etc.

RCCG – Ortega é visto como pensador conservador. Você concorda com isso?

SRGH – Não é fácil responder a essa pergunta porque não se sabe bem o que significam esses rótulos. Ortega coloca como uma das principais responsabilidades do intelectual do seu tempo (o que vale ainda mais para os dias de hoje) pensar o que é a

realidade social, o que é o Estado, o que é o Direito, o que é a democracia etc. Dizer que alguém é um democrata é dizer muito pouco. Há regimes totalmente opostos e que têm a mesma denominação. Antes de se ter clareza, a escolha política não será muito diferente de torcer por um time de futebol. Ao invés de procurar o melhor para as pessoas, podemos estar levando a sociedade para a terceira divisão.

RCGC – Refiro-me especialmente ao livro *A rebelião das massas*.

SRGH – Essa é uma questão interessante, porque há uma compreensão equivocada desse livro. Ortega mesmo dizia ter sido um azar a fama do título desse livro. Como as pessoas geralmente só leem o título, não o livro, acabam não entendendo. No livro, quando Ortega fala da rebelião das massas, está se referindo ao aumento quantitativo da realidade humana; quanto ao qualitativo, diz que pode ser para o bem ou para o mal. O futuro está em aberto. E, quando descreve quem é o homem massa, o típico homem massa, não é especialmente do trabalhador que ele fala. Ele está falando do cientista, do especialista. O típico homem massa é o intelectual, o cientista, não é o trabalhador.

RCGC – O que exatamente Ortega y Gasset fala dos cientistas e intelectuais?

SRGH – Que eles estudam uma porção pequena da realidade e, como conhecem muito bem essa pequena porção da realidade, têm a impressão de que conhecem tudo. E arrogantemente opinam sobre tudo. Pensam que sua sabedoria numa determinada especialidade outorga-lhes o direito a não reconhecer os outros. Ortega diz que eles são irresponsáveis quando tratam de outras realidades que não aquela em que são especialistas. Chega a chamar isso de “terrorismo de laboratório”. É essa a crítica que ele faz.

RCGC – Como o especialista deve agir, então?

SRGH – Para Ortega y Gasset, o homem massa é uma função social. Você tem que saber entrar e sair dessa função. Quando

se trata de um assunto que eu não domino, torno-me massa. Quando eu conheço o assunto, tenho que me comportar como um especialista, que fala com propriedade daquilo que entendo. O problema é que, hoje em dia, as pessoas não enxergam quando elas são massa e passam a atuar como se realmente conhecessem assuntos que ignoram.

RCGC – E o Oriente? Como você chegou ao Oriente?

SRGH – Começou quando me interessei por psicologia e fui estudar Jung, que aborda vários aspectos do Oriente em seus livros e me levou a ler livros como *Uma introdução ao zen budismo*, do D. T. Suzuki, o *I Ching* traduzido e comentado por Richard Wilhelm etc. Pensei que seria muito interessante estudar o pensamento oriental a partir da perspectiva de Ortega y Gasset. Percebi que também o Oriente tem essa intuição da realidade concreta da vida humana. Mas eu não queria partir do pensamento chinês. Queria entender aquela cultura a partir da nossa. Verifiquei também que podemos aproveitar o pensamento chinês como uma contraposição que ajuda a entender nossa própria cultura.

RCGC – O que você vê na cultura chinesa semelhante a Ortega?

SRGH – Embora Ortega não fosse cristão, sua intuição básica da vida humana como realidade pessoal e biográfica deve muito ao cristianismo. Para se apreender essa realidade, é necessária uma razão narrativa. A filosofia não é literatura porque tem que conceituar e justificar. É visão responsável. Mas não pode ser menos do que literatura porque tem que dar conta de uma realidade dramática. O Novo Testamento não se parece muito com um tratado de lógica, mas há quem o veja como literatura. A razão disso para mim é clara. A pessoa é alguém corporal. A convivência com as outras pessoas, a relação com Deus, acontece vivendo. A vida é a organização real da realidade.

No caso da China, os jesuítas logo perceberam a semelhança do confucionismo com a vida cristã. Muitos estudiosos preferem ressaltar a diferença das ideias, mas, partindo da perspectiva biográfica, veremos que os relatos sobre Confúcio, e mesmo

do Buda, assemelham-se muito mais à narrativa. Trata-se de pessoas, mestres e discípulos, relações dentro da família, culto dos antepassados. Ortega não é racionalista; razão, nas palavras de Mariás, é a apreensão da realidade em suas conexões. A consequência é que esse modo de pensar também se mostra mais aberto à compreensão do pensamento chinês.

RCGC – E quanto à educação?

SRGH – A educação é muito valorizada no Extremo Oriente. A própria família sente-se responsável por ela. Não faltam pesquisas mostrando a importância desse fator.

Outro ponto importante é a visão da natureza humana. Esse é um tema debatido desde o tempo de Mêncio (séc. IV a.C.). O sinólogo francês François Jullien tem um livro chamado *Fundar a moral* no qual compara o ponto de vista chinês com a nossa ilustração (Rousseau e Kant, principalmente). Do que pensamos ser a natureza humana depreende-se todo o resto da educação.